

Pandion haliaetus
Águia-pesqueira

Taxonomia:**Família:** *Pandionidae*.**Espécie:** *Pandion haliaetus* (Linnaeus 1758).**Código da Espécie :** A094**Estatuto de Conservação:****Global** (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).**Nacional** (Cabral *et al.* 2005): População residente CR (Criticamente em Perigo); População invernante EN (Em Perigo).**Espanha** (Madroño *et al.* 2004): CR (Criticamente em Perigo)**SPEC** (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).**Protecção legal:**

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

Fenologia: Virtualmente extinta como nidificante; Invernante; Migradora de passagem.**Distribuição:****Global:** Espécies cuja área de ocorrência abrange todos os continentes à excepção da Antártida, embora as maiores áreas de distribuição se situem na América do Norte, na Ásia e na Europa (Cramp e Simmons, 1980). Nesta última região, ocorre sobretudo no Centro e Norte da Europa, podendo considerar-se relativamente comum na Escandinávia e Finlândia e em algumas regiões da Rússia. Na região Mediterrânica a espécie é mais rara e de ocorrência localizada (Cramp & Simmons 1980).

As populações setentrionais são em grande parte migradoras, invernando sobretudo nas zonas costeiras da África Ocidental, enquanto as populações meridionais são essencialmente residentes. A invernada na bacia mediterrânica é normalmente pouco importante (Cramp & Simmons 1980).

Nacional: Em Portugal continental a Águia-pesqueira inverte numa larga porção do território, em particular no Centro e Sul do país. São observados regularmente alguns indivíduos invernantes em várias zonas húmidas, do litoral e do interior, como açudes, barragens, pauis, lagoas costeiras e estuários.

Outrora relativamente comum como nidificante ao longo da Costa Portuguesa, a Águia-pesqueira já nidificou desde a costa rochosa da Estremadura portuguesa (possivelmente até mesmo no Pinhal de Leiria) até à costa sul algarvia (zona de Albufeira) (Palma 2001). Presentemente encontra-se virtualmente extinta como nidificante desde que, na época de reprodução de 1997, a fêmea do único casal morreu no ninho situado na Costa Sudoeste. Desde

então o macho tem sido observado regularmente nas imediações do ninho, mas, até à data, não voltou a ser observada a nidificação bem sucedida da espécie na costa Portuguesa.

Tendência Populacional:

Em termos globais, a Águia-pesqueira não se encontra ameaçada. No entanto, durante o século XIX e princípio do século XX a espécie sofreu uma forte regressão da sua área de distribuição europeia tendo desaparecido nalguns países da Europa Central e apresentando uma situação bastante precária nos países Mediterrânicos (Tomialojc 1994).

De acordo com Palma (2001), a regressão desta espécie em Portugal decorreu durante o século XX de forma bastante acentuada. No princípio do século a população nidificante terá atingido os 22-30 casais, e nos finais dos anos setenta já só existiam dois casais activos. A partir de 1991 a população ficou reduzida a um casal e em 1997 a um único macho, que conseguiu emparelhar com uma nova fêmea em 2000, sem que no entanto se tenham reproduzido. Assim, pode-se considerar que actualmente a espécie se encontra em situação de pré-extinção como nidificante, ocorrendo sobretudo de passagem ou durante o Inverno.

Abundância:

Nos últimos dez anos a população nidificante da espécie esteve reduzida a um casal nidificante que entretanto desapareceu.

A ocorrência desta espécie durante o Inverno em Portugal é relativamente rara, com efectivos que não devem ultrapassar as duas dezenas de indivíduos (Costa *et al.* 1999). Apresenta no entanto carácter regular ao longo dos anos, em vários locais.

Requisitos ecológicos:

Habitat: Sendo uma ave de rapina especialista que se alimenta apenas de peixe, a águia-pesqueira é totalmente dependente de reservas consideráveis de peixe onde possa pescar durante todo o ano (Cramp & Simmons 1980, Saurola & Sablevicius 1997). A população Mediterrânica é estritamente marinha frequentando essencialmente zonas costeiras, estuários, lagoas costeiras e albufeiras (Cramp & Simmons 1980).

As áreas de alimentação correspondem essencialmente às zonas costeiras, mas em condições climáticas desfavoráveis (e.g. temporais, ventos fortes) são substituídas por zonas húmidas interiores como estuários, albufeiras e açudes. A área de pesca é geralmente afastada do ninho podendo ser partilhada por vários indivíduos (Cramp & Simmons 1980).

Faz o ninho em falésias e ilhéus rochosos (Rufino 1989) utilizando ramos, ervas e mesmo desperdícios de redes de pesca ou outros detritos. Os ninhos são reutilizados em anos sucessivos, podendo ser ocupados por mais de 18 anos (Cramp & Simmons 1980).

Nos locais de invernada pode formar grupos ou ocorrer de forma isolada. Nestes locais, a espécie utiliza como dormitórios zonas planas e árvores localizadas perto das zonas de pesca (Cramp & Simmons 1980). Passa grande parte do dia empoleirada em ramos mortos de árvores, mas também em postes, cercas, ou em zonas lodosas ou arenosas perto dos locais de alimentação. Durante a época de nidificação, o macho e a fêmea dormem perto do ninho antes da postura. Por vezes as aves estão activas desde o amanhecer até ao anoitecer (Cramp & Simmons 1980).

Alimentação: A Águia-pesqueira é uma espécie especialista. A sua dieta é constituída essencialmente por peixes de tamanho médio, de várias espécies, tanto de água doce como salgada, principalmente carpas (*Cyprinus carpio*), robalos (*Dicentrarchus* spp.), tainhas (*Mugilidae* spp.) e sargos (*Diplodus* spp.) (Palma *et al.* 1987).

Reprodução: Espécie monogâmica, sendo a relação de duração sazonal. Ambos os progenitores se ocupam da protecção e alimentação das crias, embora os papéis sejam algo diferenciados: a fêmea cuida e alimenta as crias enquanto que o macho procura alimento. Crias nidícolas (Cramp & Simmons 1980). Geralmente, o casal é territorial,

protegendo o ninho e descendentes de intrusos da própria espécie, ou mesmo de outras espécies como a Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*).

Ameaças:

A baixa capacidade de recrutamento de indivíduos reprodutores da população nacional constitui o principal problema de conservação desta espécie. Dada a acentuada filopatria revelada por esta espécie e a fragilidade demográfica das populações mediterrânicas a probabilidade de vir a ocorrer a recuperação natural da espécie na costa portuguesa é reduzida.

O uso recreativo intensivo da orla costeira associado ao aumento das áreas urbanas e turísticas e rede viária ao longo da costa resulta na **perturbação e degradação dos locais de nidificação** (Palma & Beja 1999). A perturbação associada às actividades recreativas é especialmente intensa durante os meses de Verão.

O acesso desordenado a pesqueiros ao longo da costa por pescadores locais constitui igualmente um factor de perturbação importante para indivíduos que possam vir a estabelecer-se como nidificantes. A **perturbação associada à pesca** é particularmente preocupante já que a época de maior actividade piscatória coincide com o período mais crítico da época de nidificação da águia-pesqueira (Palma 2001).

A **morte acidental** em fios de pesca abandonados por pescadores à linha nas falésias e o **abate ilegal** (Palma 2001).

A sobre-exploração dos recursos piscícolas pode provocar a **diminuição dos recursos alimentares** disponíveis ou até mesmo o esgotamento da principal fonte de alimento desta espécie (Tomialojc 1994, Palma 2001).

A **poluição da água em meios marinhos e dulciaquícolas**, por efluentes domésticos, industriais e agrícolas, intervém directa e indirectamente nas populações de águia-pesqueira, pelo aumento da mortalidade, redução da capacidade reprodutora por acumulação de mercúrio e organoclorados, e diminuição das populações piscícolas (Tomialojc 1994).

Objectivos de Conservação:

Restabelecer a população nidificante em Portugal

Manter a população invernante

Garantir a conservação do habitat favorável à nidificação e alimentação da espécie

Orientações de Gestão:

- Proceder ao reforço demográfico através da transferência de juvenis de populações dadoras para a costa portuguesa;
- Monitorizar regularmente os troços da costa com ocupação histórica de águia-pesqueira e dos últimos ninhos conhecidos, a fim de maximizar a capacidade de detecção de casais que venham eventualmente a estabelecer-se na costa portuguesa;
- Melhorar o habitat de nidificação através da instalação de ninhos artificiais, a fim de atrair potenciais casais nidificantes para áreas do litoral com perturbação reduzida;
- Controlar rigorosa e eficazmente a expansão urbano-turística;
- Implementar o ordenamento e a gestão dos acessos a pesqueiros ao longo da costa, principalmente nos troços com ocupação histórica da águia-pesqueira;
- Regulamentar e fiscalizar com rigor as actividades de pesca à linha nas falésias e do acesso do público em geral nas imediações dos ninhos antigos e locais ainda activos, por meio de restrições espaciais e sazonais;
- Fiscalizar a actividade piscatória;

- Aumentar a disponibilidade alimentar através do repovoamento piscícola de açudes e albufeiras costeiras e/ou fornecimento de alimentação suplementar aos indivíduos residentes;
- Implementar uma política eficaz de tratamento e fiscalização dos efluentes industriais, agrícolas e urbanos, e suas descargas no meio hídrico;
- Fiscalizar eficazmente a orla costeira, de forma a impedir o lançamento de hidrocarbonetos para o mar, incluindo as limpezas de tanques;
- Sensibilizar os pescadores, os caçadores, os gestores de aquiculturas e a população em geral para a conservação desta espécie.

Outra informação relevante:

Embora presentemente ainda não esteja confirmada a extinção da águia-pesqueira como nidificante em Portugal, a dissolução do único casal reprodutor, ocorrida em 1997, torna bastante improvável a recuperação natural da espécie na costa portuguesa. Desta forma, o futuro desta espécie em Portugal encontra-se dependente do lançamento de um projecto de recuperação eficaz com recurso a medidas de melhoria do habitat de nidificação e técnicas de reforço demográfico activo.

Bibliografia:

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Rosa G & Costa L (1999). *A Ocorrência da Águia-pesqueira Pandion haliaetus em Portugal Continental durante o Inverno (1987/88 a 1996/97)*. In: Actas do II Congresso de Ornitologia da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Beja P, Catry P & Moreira F (eds). Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves / Universidade do Algarve.

Costa LT, Nunes M, Geraudes P & Costa H (eds.) (2003). *Zonas Importantes para as Aves em Portugal*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1980). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Hawks to Bustards)*, Vol. II. Oxford University Press, Oxford.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Palma L, Costa S & Cancela da Fonseca L (1984). Importância natural e conservação da Costa SW Portuguesa. Actas do Colóquio Nacional para a Conservação das Zonas Ribeirinhas, 1º Volume. *Boletim da Liga para a Protecção da Natureza (3ª Série)* 18: 59-75.

Palma L, Cancela da Fonseca L & Beja P (1987). *A população residual de Pandion haliaetus em Portugal de 1979 a 1986. Fenologia, produtividade, regime trófico e conservação*. V Conferência Internacional sobre Rapinas Mediterrânicas, Évora. Não publicado.

Palma L & Beja P (1995). *Autumn migration of raptors through Sagres (SW Portugal)*. Raptor Conservation Today. Pp. 179-185. WWGBP(The Pica Press).

Palma L, Onofre N & Pombal E (1996). *Revised Distribution and Status of Birds of Prey in Portugal*. 2nd International Conference on Raptors, Urbino, Itália.

Palma L & Beja P (1999). *A conservation program for Ospreys Pandion haliaetus in Portugal*. Universidade do Algarve, Faro. Relatório não publicado.

Palma L (2001). The Osprey *Pandion haliaetus* on the Portuguese coast: past, present and recovery potential. *Vogelwelt* **122**: 179-190.

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental*. Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Saurola P & Sablevicius B (1997). *Osprey Pandion haliaetus*. In: The EBCC Atlas of European Breeding Birds: Their Distribution and Abundance. Pp. 176-177. Hagemeyer EJM & Blair MJ (eds.). T & A D Poyser, London.

Tomialojc L (1994). *Osprey Pandion haliaetus*. In: Birds in Europe: their conservation status. Pp.186-187. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .